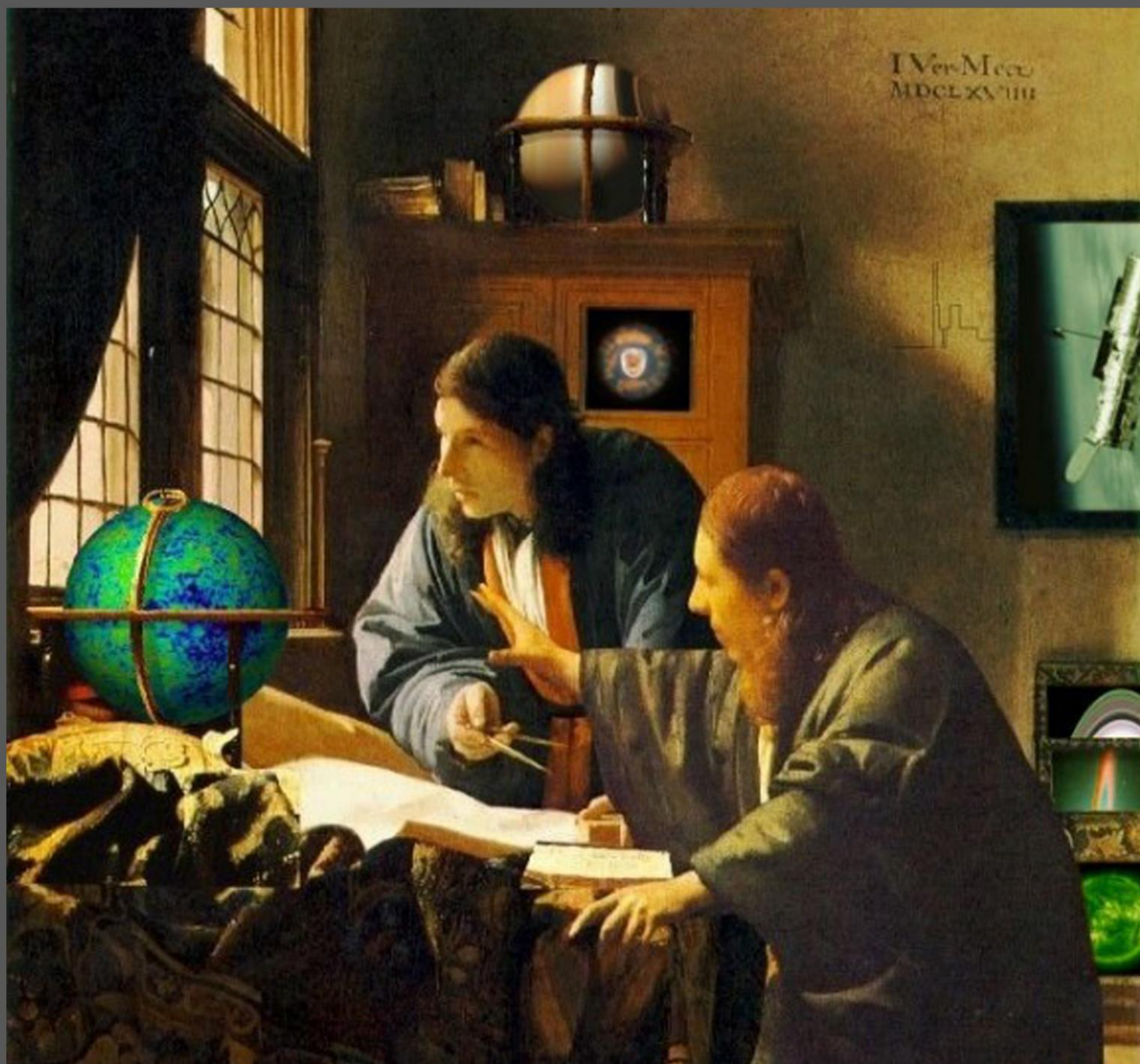


Maurício Waldman



GEOGRAFIA E MEMÓRIA:

A PERSISTÊNCIA DO SUDÃO COMO MARCO ESPACIAL IDENTITÁRIO



EDITORA KOTEV
GEOCARTO - SÉRIE CARTOGRAFIA 6

GEOGRAFIA E MEMÓRIA:

A PERSISTÊNCIA DO SUDÃO COMO MARCO ESPACIAL IDENTITÁRIO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

O ato de nomear, de ofertar um nome a um ponto do espaço, sempre constitui uma iniciativa impregnada de injunções históricas, sociais e culturais, reveladoras das interconexões que soldam inextricavelmente a relação das sociedades com o espaço e o tempo, ou dito de outro modo, com a geografia e a história.

No campo dos estudos geográficos, a *toponímia*, terminologia derivada do grego τόπος (*topos*: lugar) e ὄνομα (*ónoma*: nome), refere-se ao estudo linguístico e/ou histórico dos topônimos, os nomes dados aos lugares (Vide OLIVEIRA, 1983: 647), inferência que intercala múltiplas determinações.

Imbuída desse senso, a toponímia tem se mostrado pródiga em explicitar as acepções que povos, comunidades, culturas e civilizações emprestam ao espaço habitado, uma ponderação que os geógrafos voltados ao estudo do continente africano não podem desprezar nas suas avaliações.

Neste sentido, voltaremos nossas atenções para o termo *Sudan*, Sudão em português, palavra conotada de trânsito secular no continente e como será pontuado, mantendo expressiva contemporaneidade nos dias atuais.

A palavra é um dos muitos topônimos de origem árabe que fazem presença no mapa do continente. Etimologicamente, Sudão procede de *Bilad-es-Sudan* (بلاد السودان), ou seja, *País dos Negros* (PAULME, 1977: 37).

Na perspectiva geográfica, o Sudão, desde os primórdios da expansão árabe-islâmica, designa as extensões localizadas entre o Mar Vermelho a Leste e o Atlântico a Oeste, acompanhando a faixa de Savanas e de Estepes que forma um vasto corredor natural entre 500 e 700 quilômetros, bordejado pelas areias do Saara ao Norte e pelas matas equatoriais Guineana e Congolesa ao Sul ³.

Culturalmente, o Sudão é seguramente uma área onde se notam influências árabes e muçulmanas, porém numa gradação diferente da que ocorre na África Setentrional. Neste quesito, o Saara impôs um papel de “filtro”, que ao longo da história atenuou e/ou diluiu as contribuições culturais provenientes dos países do Magreb e do Egito, mesclando-as com inferências de índole local.

Nomeadamente, na área sudanesa o islamismo não foi consorciado com a arabização da língua e das culturas locais. Ainda que o árabe tenha se destacado como idioma de prestígio, as línguas autóctones não foram afetadas na sua vitalidade e seguem como língua materna de todas as etnias locais.

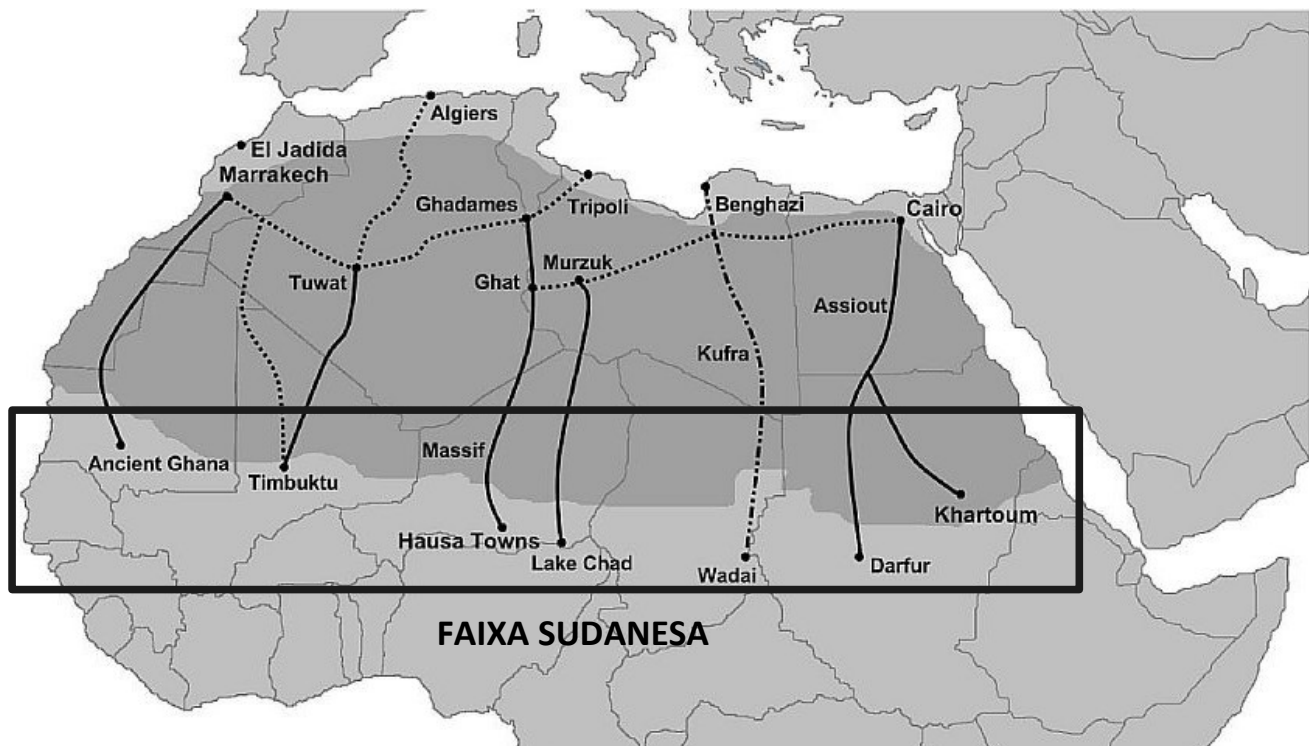
Quanto à fé muçulmana, no continente africano o islamismo está, na maior parte dos casos, perpassado por africanismos, diferenciando-se em muitos quesitos da prática desta religião noutras regiões islâmicas (Cf. WALDMAN *et alli*, 2007; WALDMAN, 2000 e GIORDANI, 1985: 167).

Contudo, existem exceções. No que igualmente concerne ao escopo deste texto, o quadro relacional de convivência pacífica entre duas tradições tão diferentes, não aconteceu em países como a República do Sudão, cuja elite política, centrada no Norte do país (onde aliás, está localizada a capital, Kartum), e vinculada ao mundo árabe, procurou impor um projeto de Estado com fisionomia árabe e muçulmana à nação como um todo, intenção contestada, por exemplo, pelas populações sulistas, que são cristãs ou adeptas de religiões tradicionais.

Impõe-se um fato que não pode ser desconsiderado: um relevante substrato africano está explicitado no mosaico cultural deste país. Assim, mesmo os chamados árabes sudaneses possuem nítida ancestralidade africana e o islamismo do país, não é imune às inculturações das religiões tradicionais. A vista disso, tal pendência se reveste bem mais de nuances político-ideológicas do que de calços culturais, históricos e religiosos.

Retornando aos nossos comentários sobre o topônimo Sudão, o fato de constituir um termo etimologicamente alienígena não foi impeditivo da sua indexação ao imaginário espacial dos povos da região.

Pelo contrário, junto às populações sudanesas, essa conceituação territorial é com efeito, entendida como uma tecedura espacial legitimada por toda sorte de vínculos históricos, sociais, econômicos e culturais, que imemorialmente, uniram uma coleção de etnias entre si.



No Sudão, o intercâmbio era tonificado através de centros urbanos, escoando através de caravanas por rotas de comércio de longa distância, uma rede que assegurou o surgimento de diversos reinos e impérios africanos na região.

Com regularidade, a faina dos mercadores alcançava o Golfo da Guiné, Sudão Oriental, Magreb, as terras do Egito e alhures. Trata-se de um conjunto de fatores explica a resiliência a toda prova da noção de um espaço sudanês, qualquer que seja a origem da toponímia a ele aplicada.

Assim, fortemente enraizado na materialidade histórica e no imaginário local africano, a terminologia terminou assimilada pela própria cartografia colonial europeia, que assim, mesmo que indiretamente, admitiu a existência de uma identidade geográfica para o espaço sudanês esboçada não por ocidentais, mas sim pelos povos autóctones desta parte do mundo ⁴.

Deste modo, o topônimo Sudão passou a despontar nos mapas europeus repetindo, grosso modo, os limites territoriais estabelecidos pelo saber geográfico tradicional não-ocidental. Certo é que da mesma forma que outros topônimos indexados pela cartografia ocidental, os limites do Sudão diferiam de uma carta para outra, um pouco ao gosto da imaginação do cartógrafo em questão.

Contudo, a gradativa ocupação do continente pelas potências colonialistas suscitou a estabilização de muitas terminologias, de tal sorte que adentrando-se no Século XIX, o Sudão apresentava-se geograficamente delimitado pela Senegâmbia a Oeste, por uma Guiné toponimicamente expandida a Sudeste, por amplos espaços do que então era entendido como Etiópia ao Sul, e por fim, a Leste, pelo antigo reino da Abissínia ⁵.

Pariu passu, embora o topônimo Sudão tenha sido incorporado aos mapas europeus, seria mister sublinhar que o conceito foi paulatinamente redesenhado pela geografia ocidental.

Nesta sequência, o cartógrafo norte-americano de origem escocesa Samuel Augustus Mitchell (1792-1868), no seu célebre *Mitchell's Scholl Atlas* ⁶, um dos primeiros Atlas produzidos em série, destaca o topônimo na prancha dedicada à divisão política do continente tal como esta era entendida na primeira metade do Século XIX.

Contudo, Sudão já aparecia dividido em parcelas que atendiam ao nascente apetite territorial dos europeus quanto às terras desta parte do continente (Figura 2), até porque, nominar é muitas vezes, o protocolo inicial de uma futura dominação.

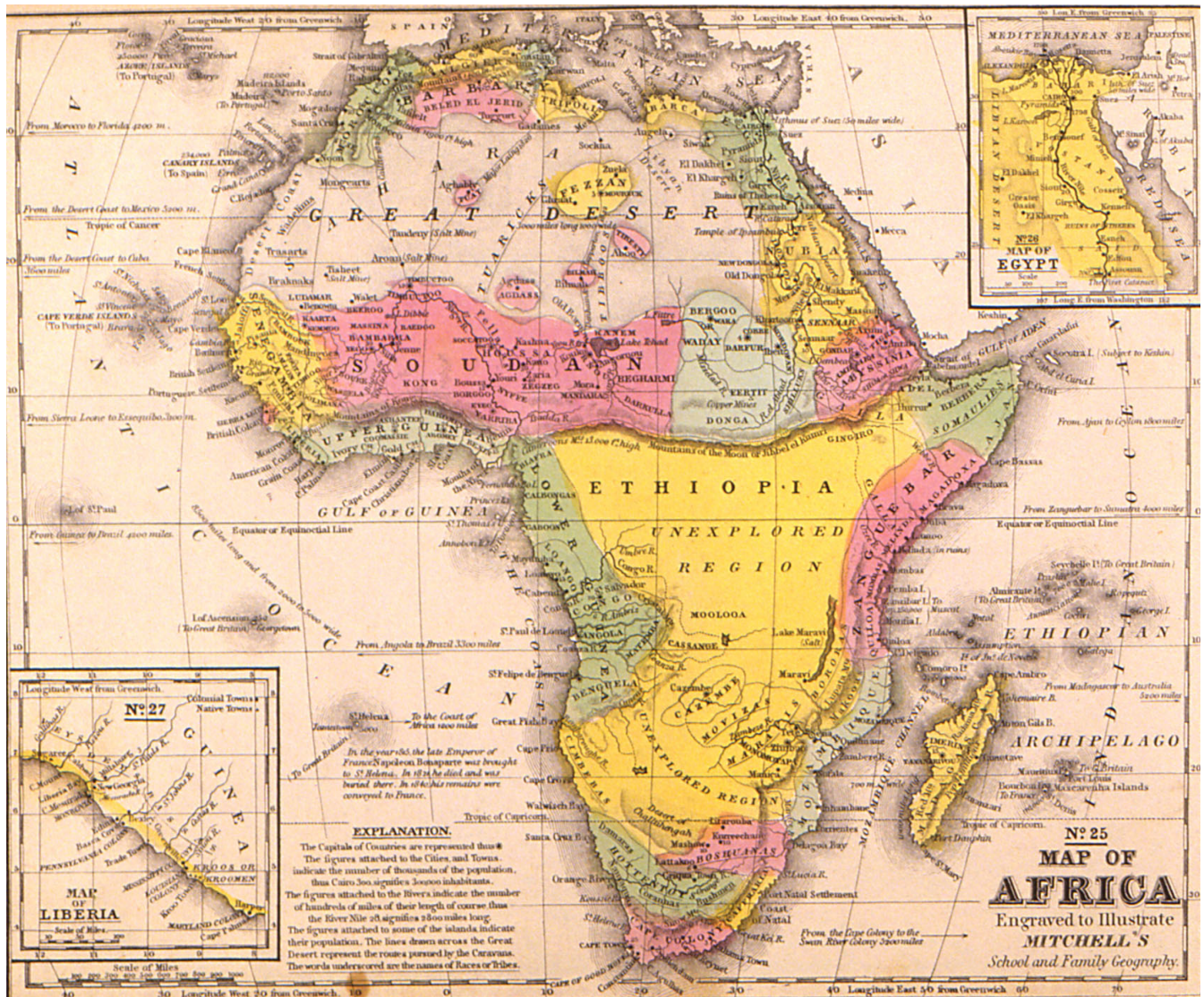


FIGURA 2 - Mapa do Continente Africano do Mitchell's Scholl Atlas, datado de 1857, destacando o Sudão em rosa nas extensões após o "Grande Deserto", isto é, o Saara. Note-se que o "Sudão Nilótico", que grosso modo corresponde a naco considerável das extensões meridionais da antiga República do Sudão, está sob mando de diversos poderes locais (Núbia, Darfur, Wadai, Baguirmi), demonstrando, lado a lado com o destaque dado à Núbia, uma delimitação espacial específica, não podendo ser identificado mecanicamente com o Egito. No mais, a África Ocidental está de igual modo particularizada, injunção que tal como nos casos anteriores, demonstram mudanças na percepção europeia do espaço africano (Fonte: MITCHELL, 1857).

Atente-se que a concepção novecentista de Sudão foi também amplamente disseminada junto ao público comum na forma de folhetins, relatos, biografias, matérias jornalísticas e uma diversidade de produtos editoriais, reforçando a percepção de uma circunscrição territorial sudanesa.

É assim, por exemplo, que encontramos na obra *Twenty-Eight Years a Slave, or the Story of My Life in Three Continents*, do missionário afro-estadunidense Thomas Lewis Johnson, um mapa esquemático que reproduz a noção de Sudão difundida pela cartografia ocidental, fundamentalmente a mesma estabelecida séculos atrás pelos árabes no plano semântico (Figura 3).

Com base nestas aferições, importaria assinalar que Sudão, no prisma do conhecimento geográfico, não se restringe à atual república do Sudão, como via de regra é sugerido por um esquematismo que pontifica frequentemente no livro didático de geografia.

Foi observado, o espaço sudanês se estende de costa a costa do continente africano. É, pois exatamente nesta linha de compreensão que o domínio europeu em África nominou um *Sudão Oriental* ou *Sudão Anglo-Egípcio*⁷, a atual República do Sudão, e um *Sudão Ocidental*, dizendo respeito a regiões dominadas pela França, daí ser também conhecido como *Sudão Francês*, terras que atualmente correspondem ao que hoje é a República do Mali.

Ao mesmo tempo, retenha-se que o surgimento de noções a particularizar frações e nacos do Sudão não decorreu exclusivamente por conta do mandonismo europeu. No imenso lustro que forma o espaço sudanês, vicejaram no extenso período anterior à chegada dos ocidentais, toda sorte de formações políticas e delimitações territoriais individualizadas, fruto de dinâmicas próprias aos povos e culturas da região.

Exemplificando, no Sudão Ocidental há um forte sentimento identitário quanto a espaços como o Tekrur, o Gabú e o Futa Toro, ao passo que a tradição étnica propõe, dentre outras, um país Mandinga e um espaço Haussá. No Sudão Oriental, este seria o caso de Equatoria, do Bar-al-Ghazal e do Darfur, antigas províncias da República do Sudão, que correspondem ao Sudão Nilótico e que sempre se distinguiram das paragens mais ao norte.

Todavia, nada disto compromete a percepção de que o Sudão é e permanece sendo um prestigiado marco espacial. Daí que o topônimo continua a agremiar enorme prestígio, mantendo-se vívido no imaginário espacial de milhões de africanos.



THE GREAT SOUDAN.

FIGURA 3 - O “Grande Sudão” tal como identificado em mapa da África na obra *Twenty-Eight Years a Slave* (1882), de Thomas Lewis Johnson (Fonte: Fac-símile reproduzido de JOHNSON, 1909: 206).

Pois então, recorrentemente, o topônimo é solicitado quando o tema refere-se aos laços que irmanam dezenas de etnias entre si, entendimento largamente subsidiado por dados materializados na concretude social. Enraizado na linguagem coloquial, ele mostra-se

imune inclusive às eventuais interpretações que o associam a projetos autoritários e exclusivistas.

É deste modo que se torna possível compreender a razão dos povos dos territórios meridionais da República do Sudão, avançando rumo à independência, tenham apoiado a denominação *República do Sudão Meridional* (Figura 4), como proposta de nome oficial para a nova nação.

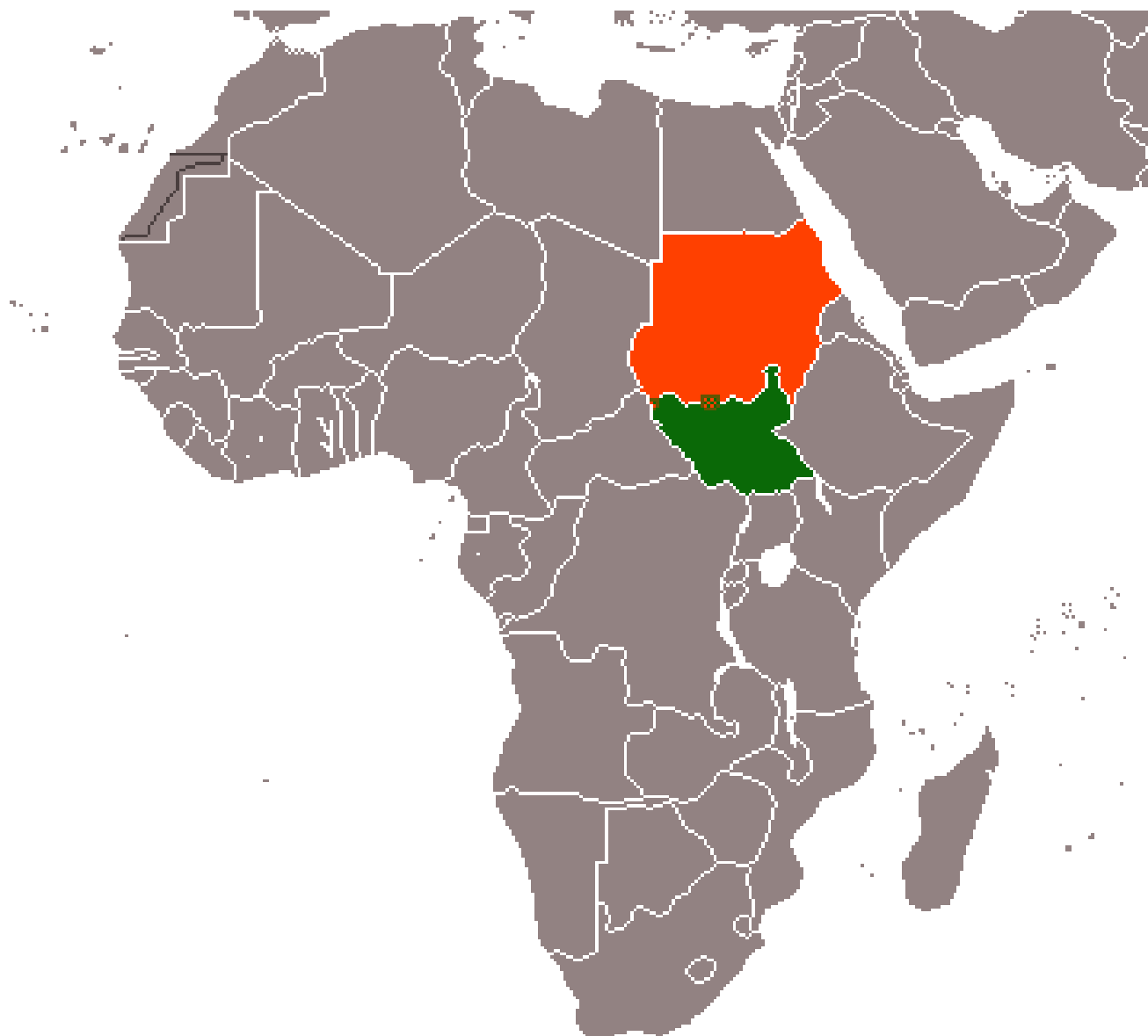


FIGURA 4 - A divisão da República do Sudão, cujas fronteiras decorreram do antigo Sudão Anglo-Egípcio, foi uma das raras redefinições territoriais ocorridas na África pós-colonial. Em laranja, a República do Sudão. Em verde, a nova República do Sudão do Sul ou do Sudão Meridional(Fonte: < [South_Sudan_Sudan_Locator-cropped.png](#) >. Acesso: 24-09-2018).

Fato que se impõe por si mesmo, para a população do novo país, Sudão é um termo tão seu quanto de muitos outros grupos, povos e culturas da África.

Neste sentido, não seria demasiado lembrar que a sociedade africana, ao mesmo tempo em que é e sempre foi marcadamente heterogênea, jamais abdicou de estratégias afirmadoras da sua unidade, averbação para a qual o topônimo Sudão repetidamente prontifica-se como conceito capacitado a exercer o papel de marco identitário maior.

Topônimo antigo e novo, visto e revisto, pensado e repensado, o Sudão permanecerá vivo nos mapas, nas vivências e nas percepções preocupadas com espaços mais amplos de atuação.

Uma compreensão que na África, flui continuamente em paralelo com a afirmação de uma identidade que teima em se fazer presente.

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. Revista Humanidades, n°. 22, Retratos da África, pp. 12-32. Brasília (DF): Editora da Universidade de Brasília (UNB). 1989;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, n°. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

COSGROVE, Denis. *Geography and Vision Seeing, Imagining and Representing the World*. Londres e Nova York: I. B. Tauris. 2008;

FREIRE, Neison Cabral Ferreira et FERNANDES, Ana Cristina de Almeida. *Mapas como Expressão de Poder e Legitimação sobre o Território: Uma breve evolução histórica da cartografia como objeto de interesse de distintos grupos sociais*. In: Atas do III Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação, pp. 1-9. Recife (PE), 27-30 de Julho de 2010. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina. 2010;

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 1985;

JOHNSON, Thomas Lewis. *Twenty-Eight Years a Slave, or the Story of My Life in Three Continents*. Londres: Bournemouth, W. Mate & Sons Limited, Printers and Publishers (1ª edição: 1882). 1909;

JONES, Emrys. *Geografia Humana*. Nueva Colección Labor, n°. 16. Barcelona (Espanha): Editorial Labor S.A. 1966;

KRON, Josh. *Southern Sudan Nears a Decision on One Matter: Its New Name*. The New York Times. Edição de 23 de Janeiro de 2011. Artigo eletrônico disponível *on line* em: < http://www.nytimes.com/2011/01/24/world/africa/24sudan.html?_r=1 >. Acesso: 22-11-2009;

LOWENTHAL, David. *Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica*. In: Perspectivas da Geografia, Antônio Christofolletti (Org.), pp.103-142. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1985;

MAULL, Otto. Geografia Política. Barcelona (Espanha): Ediciones Omega. 1959;

Mitchell's Scholl Atlas: comprising the maps and tables designed to accompany Mitchell's School and family geography. Filadélfia (Estados Unidos): H. Cowperthwait & Company. 1857;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1983;

PAULME-SCHAEFFNER, Denise. *As Civilizações Africanas*. Coleção Saber nº. 110. Lisboa (Portugal); Publicações Europa-América. 1977;

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1988;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

WALDMAN, Maurício. *Cartografia de África: Mapas, Toponímia e Modelos de Percepção*. Artigo eletrônico disponibilizado a partir de Maio de 2010 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP): Geocarto. 2010;

_____. *O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu*. Artigo digital disponibilizado a partir de Novembro de 2009 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Texto disponibilizado *on line* pela Editora Kotev (Kotev ©) em: < http://mw.pro.br/mw/cartografia_05.pdf >. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São paulo (FFLCH-USP): Geocarto. 2009;

_____. *Força Vital, Tempo e Espaço: A Topologia do Imaginário Africano Tradicional na Crônica "Griot" de Sundjata Keita*. In: Revista África, nº 20-21, publicação do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). São Paulo: Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. 2000;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário: Um ensaio "topo-lógico" relativo ao universo da cultura, do espaço e do imaginário*. 1997. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 1997;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

1 Geografia e Memória: A Persistência do Sudão como Marco Espacial Identitário, ISBN:1230003321546, é um texto eletrônico de caráter introdutório, confeccionado para participantes de palestras e de cursos de capacitação em cartografia e geografia, primeiramente disponibilizado no site de *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em Maio de 2011. *Pari passu*, foi utilizado como Texto de Apoio distribuído nos Cursos de Difusão Cultural “Introdução aos Estudos de África”, promovido pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). Em Setembro do ano de 2018, este mesmo material foi transformado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF com os préstimos da **Editora Kotev (Kotev ©)**. Na nova edição em curso, o texto foi revisado, acatando as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, assim como incorporou normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. Em paralelo, preservou o foco, o sentido, os argumentos e a natureza do artigo original, idênticos ao material primeiramente divulgado em *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*. A formatação da edição de 2018 para a Internet contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com; Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Confira-se que como indicador de referência, as capas dos textos elaborados para o site Geocarto são identificados por imagem que resulta da justaposição de duas obras do pintor holandês Johannes Vermeer: *O Astrônomo* (1668) e *O Geógrafo* (1668-1669). **Geografia e Memória: A Persistência do Sudão como Marco Espacial Identitário** é um material gratuito. Vedada a reprodução comercial e também, divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Geografia e Memória: A Persistência do Sudão como Marco Espacial Identitário** deve incorporar referências ao autor e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Geografia e Memória: A Persistência do Sudão como Marco Espacial Identitário*. Série Cartografia, Nº 6. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

2 Maurício Waldman é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área ambiental e uma carreira acadêmica com contribuições no campo da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Entre os anos 1970-1990, Waldman atuou como professor de geografia e de história em escolas da rede particular da capital paulista e como Diretor da Escola e dos Cursos Profissionalizantes da Fundação Estadual do Menor (FEBEM) e do Serviço SOS Criança (1997-2000). Waldman foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo e Rio de Janeiro), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas

entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). Waldman colaborou com diversas publicações acadêmicas de geografia e em cursos de capacitação de cartografia e uso do mapa em sala de aula para o magistério de I e II Graus na rede pública e particular de ensino em diferentes cidades do país. Fez parte da Diretoria da *Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo* (AGB-SP, 2003), colaborou com o site acadêmico *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP (2010-2012) e durante dez anos (2004-2014), foi responsável pela disciplina *Geografia e Geopolítica da África* nos Cursos de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Autor de 18 livros e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman é autor, dentre outras obras, de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Geografia para o Ensino Fundamental* (Editora Didática Suplegraf, 1999), *Antropologia & Meio Ambiente*, primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental (SENAC, 2006) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 (Cortez Editora, 2010). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Página em Academia.edu: <https://usp-br.academia.edu/Maur%C3%ADcioWaldman>

Biography Verbete Wikipédia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

3 Ao Sudão filia-se outro topônimo de origem árabe bastante conhecido, o *Sahel*, que procede de *Sahil* (ساحل), significando costa ou fronteira. Isto devido ao fato de que se trata de um espaço tipificado, do ponto de vista orográfico e biogeográfico, como uma antessala do Saara, um bordo do grande deserto.

4 Não deixa de ser pertinente ressaltar que os topônimos *Nigritia* e *Negroland*, ambos criados pelos cartógrafos europeus e espacialmente correlatos à *Bilad-es-Sudan*, embora em voga na primeira geração de mapas do continente africano para identificar o Sudão, caíram em completo desuso.

5 Deve-se aos portugueses a universalização do termo *Guiné*, que identificava vasta região que se estendia desde o Cabo Bojador até as proximidades do Congo, ou mesmo, o incluindo em sua totalidade. Apenas mais tarde o topônimo restringiu-se às

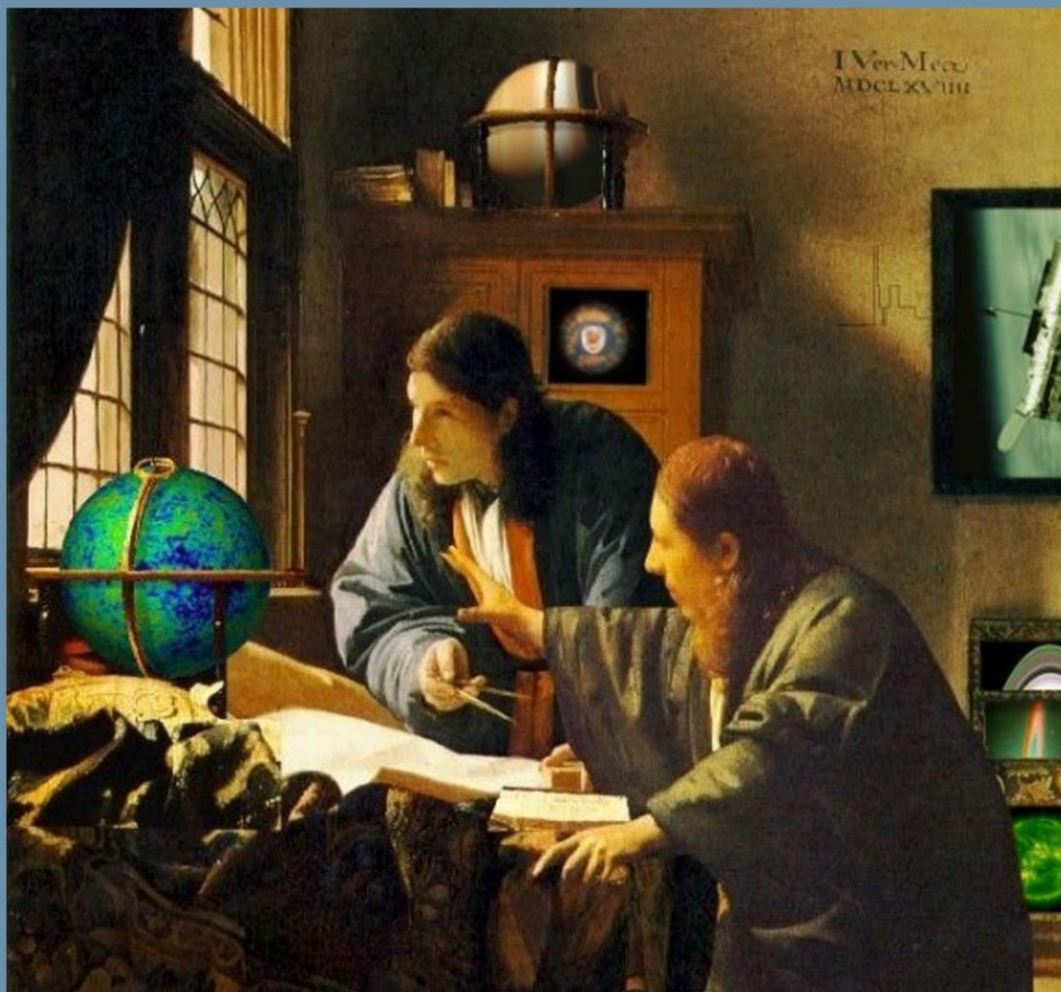
seções anteriormente conhecidas como *Alta Guiné*. Já o topônimo Etiópia, de remota antiguidade, é de origem grega, significando “rosto queimado”. Em muitos mapas, a palavra aparece virtualmente como um sinônimo de África. Somente no Século XX que se afirma o entendimento da Etiópia como uma nação, no caso, designando a Abissínia.

6 Ao longo de mais de 50 anos, Samuel Mitchell, seu filho e seus sucessores foram um dos mais proeminentes editores de Atlas e mapas nos Estados Unidos, precursores da cartografia escolar enquanto empreendimento editorial.

7 Esta última denominação esclarece a respeito do poder condominial que o Reino Unido e o Egito exerceram sobre a parte oriental da faixa sudanesa.

TÍTULO COMPLEMENTAR

Maurício Waldman



O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu



EDITORA KOTEV
GEOCARTO - SÉRIE CARTOGRAFIA 5

http://mw.pro.br/mw/cartografia_05.pdf

CONHEÇA A SÉRIE CARTOGRAFIA



SAIBA MAIS: <http://mwtextos.com.br/serie-cartografia/>

A young woman with long, wavy brown hair, wearing a black leather jacket and a dark scarf, is looking down at her smartphone. The background is blurred, showing what appears to be a modern, brightly lit interior space.

EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. ACESSE NOSSA PÁGINA: <http://kotev.com.br/>